

IMAGENS E IMAGINÁRIOS DE UMA FEIRA CINEMATOGRAFICA: REPRESENTAÇÃO CULTURAL DAS FEIRAS LIVRE NO FILME A GRANDE FEIRA DE ROBERTO PIRES

Beatriz Lima do Carmo¹; Claudio Cledson Novaes².

1. Bolsista PIBIC/Cnpq, Graduada em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: beatriz.do.carmo@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com

PALAVRA-CHAVE: Cinema, Feira livre, cultura.

INTRODUÇÃO:

A literatura e o cinema nos mostram em suas narrativas espaços sociais e culturais nos quais vivemos e estabelecemos relações materiais e simbólicas. Nestas duas linguagens das artes são representados diversos temas em que os enredos, sejam eles documentários ou ficções, nos colocam diante de acontecimentos que nos levam a pensar sobre as experiências cotidianas.

A feira livre é mostrada em diversos filmes baianos, como A grande Feira, de Roberto Pires (1961), e muitos outros documentários e ficções que resgatam memórias e mostram que neste espaço popular de comércio circula toda uma série de acontecimentos que constroem a identidade de um lugar. A partir da análise do filme, e outras referências com o tema das feiras livres, pretendemos pesquisar este imaginário para resgatar e discutir a representação da cultura existente nas feiras livres, tomando-as como microrganismo de convergências econômicas e culturais, mas que, muitas vezes sofrem interferências externas, como as transferências para espaços delimitados onde se perdem suas referências, como os centros de abastecimentos, que correspondem a uma lógica de política pública higienista muitas vezes desconhecadora do importante papel indenitário e popular que as feiras livres têm como memórias culturais da região.

É de grande importância para a cidadania cultural conhecer e compreender os processos que definem as culturas regionais. Portanto, a compreensão das tramas políticas, materiais, simbólicas das representações fílmicas e literárias que envolvem o tema da feira livre justifica uma pesquisa que se preocupe em estudar as imagens e o imaginário deste fenômeno comercial e as suas mudanças e transformações.

MATERIAL E MÉTODOS

Para viabilizar esse estudo pesquisamos a história do cinema, com maior ênfase no cinema novo e também sobre a origem e o fim da feira de Água de Meninos (representada no filme) e o conceito de feira livre em geral. Analisamos o filme *A grande Feira*, buscando verificar suas representações culturais na feira livre e suas mudanças, além de leituras complementares.

ANÁLISE E RESULTADOS

Esta pesquisa ainda está em fase de andamento, para chegarmos até aqui discutimos como a realidade cotidiana e cultural das feiras livres é representada no filme *A grande feira*, sendo que é um marco do cinema novo a representação da realidade do Brasil. Discutimos

também como as políticas públicas atingem esses locais tanto no enredo do filme quanto na história real da Feira de Água de Meninos (feira que inspirou o filme), e nas demais espalhadas por todo Brasil, fazendo comparações entre essas feiras e a representada pelo longa-metragem de Roberto Pires. Levando em conta que as feiras livres normalmente são tidas apenas como um lugar de comércio e não um patrimônio cultural. Segundo Morais e Araújo (2006) as feiras são espaços de reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana, ainda segundo esses autores, a feira se institui antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversidades dinâmicas, erguesse, uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos.

O diretor do filme, Roberto Pires, tido por muitos como inventor do Cinema Baiano, por dirigir o primeiro longa-metragem produzido na Bahia, *Redenção* (1959), em 1961 dirige *A grande Feira*, tido também como um marco do cinema novo. Neste filme, Pires apresenta tramas no ambiente da grande feira de Água de Meninos, em Salvador, representado assim a realidade do local, sendo essas umas das características marcantes do Cinema Novo, já que este movimento cinematográfico comungava com a ideia dos modernistas literários de trazer para a cena intelectual o imaginário das classes populares do país. Segundo Xavier (2006): “o Cinema Novo, em particular, problematizou a sua inserção na esfera da cultura de massas, apresentando-se no mercado, mas procurando ser a sua negação, procurando articular sua política com uma deliberada inscrição na tradição cultural erudita”.

Como já foi dito, a narrativa do filme enfoca a antiga Feira Livre de Água de Meninos, que era localizada num ponto intermediário entre Cidade Alta e Cidade Baixa, e por conta disto e dos preços baixos era muito frequentada, apesar da pouca higiene e desordenamento do local. Em determinada época, a prefeitura estava com projetos de higienização e de aumento do porto de Salvador, diante disto, queriam transferir a feira para outro lugar, onde pudesse deixá-la mais higiênica, mas muitos feirantes não aceitaram a ideia. Durante a noite de 5 de setembro de 1964 noventa por cento feira de Água de Meninos é destruída pelo fogo. E a feira, que não era mais apenas um lugar de trabalho, mas também moradia de muitos indivíduos e espaço de trocas simbólicas de patrimônio cultural, tornou-se muito mais visível a partir da realização do filme *A Grande Feira*, de Roberto Pires.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Roberto Pires, *A grande Feira* (1961), é uma grande representação da cultura baiana, abordando a estrutura geral da sociedade brasileira, além de tratar de vários outros assuntos. Foi possível perceber a preocupação do cinema com a identidade cultural no contexto cultural o filme, trazendo como pano de fundo aspectos da realidade indenitória da Bahia popular. As populares feiras livres, no filme, assim como a realidade social e econômica representadas são mais do que apenas um lugar de comércio, e sim, também uma forma de convívio social e expressão cultural. No filme, a feira livre de Água de Meninos é ameaçada por uma imobiliária, mostrando assim como o desenvolvimento das cidades interferem de forma direta nas feiras, muitas vezes por conta da desordem e/ou falta de higiene do lugar, ou até mesmo, assim como no filme, para utilização do espaço ocupado pela feira para fins do próprio desenvolvimento urbano, atingindo-a de forma direta, conseqüentemente, a cultura do povo que ali vive e frequenta, sendo a feira livre um microcosmo revelador do patrimônio cultural de muitas cidades.

REFERÊNCIA:

ROCHA, Glauber. *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Cosac e Naity, 2003

BERNADET, Jean-Claude. *Brasil em tempo de cinema*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

XAVIER, Ismail. *Cinema Brasileiro Moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2006

ANDREW, J. D. *As principais teorias do cinema*. Trad. T. Ottoni Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangama; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

_____. *Imagens de um tempo em movimento – cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: EDUFBA, 1999.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra C. Branco. São Paulo: Unesp, 2011.

DIEGUES, C. *Cinema brasileiro – ideias e imagens*. Porto Alegre: UFRGS, 1999

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz & ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. "*Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)*" - Instituto de Geografia da UFRN, 2006. Disponível em: www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html

A grande Feira (1961), Roberto Pires. 35 mm, p&b, 91 minutos, roteiro, direção. Produção: Rex Schindler e Braga Neto. Câmera: Waldemar Lima.